

# A negatividade na concepção sartreana de realidade humana

## *Negativity on the Sartrean conception of human reality*

**Adriana Belmonte Moreira**

adribelmonte@usp.br

Doutoranda em Filosofia pelo Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - FFLCH/USP

### Resumo

Este ensaio apresenta, a partir da obra *O ser e o nada*, uma reflexão sobre o papel da negatividade nas argumentações sartreanas sobre a constituição da realidade humana.

**Palavras-chave:** consciência; negatividade; liberdade; realidade humana.

### Abstract

This essay presents, based on Sartre's *Being and Nothingness*, a reflection about the role negativity plays in Sartrean discussions on the constitution of human reality.

**Key words:** conscience; negativity; freedom; human reality.

"O que nos salva, enfim, é ser sem abrigo e tê-lo, este ser convertido no aberto, vendo-o ameaçado, para, nalguma parte, no mais vasto círculo, lá onde a lei nos toca, lhe dizer sim." (R.M.RILKE)

Em *O Ser e o Nada*, Sartre apresenta o exame da conduta humana como a forma de apreender a universalidade a partir da particularidade de cada consciência individual e a descoberta da condição interrogativa do ser para com seu próprio ser: "o homem que *eu* sou, se o apreendo tal qual é neste momento no mundo, descubro que se mantém frente ao ser em uma atitude interrogativa" (SARTRE, 2001, p. 44). Sendo assim, será na particularidade de cada conduta que dar-se-á a compreensão do homem enquanto *ser-no-mundo*: "cada uma das condutas humanas, sendo conduta do homem no mundo, pode nos revelar ao mesmo tempo o homem, o mundo e as relações que os une (...)" (SARTRE, 2001, p. 44). Além disso, se o homem é o único ser para qual o seu próprio ser está em questão, no âmbito da pluralidade das condutas humanas, é a *conduta interrogativa*, ou seja, a conduta do ser que interroga acerca de si mesmo que servira como ponto de partida para seu ensaio.

Mas, paradoxalmente, segundo ele, será a conduta interrogativa do ser sobre o próprio ser, o constante questionar-se sobre as condutas humanas capazes de revelar a relação homem-mundo, que introduzirá a possibilidade permanente do não-ser no homem que interroga e fora dele. O não-ser é posto no mundo através próprio ser que interroga; "há uma conduta capaz de me revelar a relação do homem com o mundo?". Seja qual for a revelação, "é ainda o não-ser

que vai circunscrever a resposta: aquilo que o ser *será* vai se recortar necessariamente sobre o fundo daquilo que não é" (SARTRE, 2001, p. 46).

De outra forma, seja através da resposta de que *há uma conduta que não outra* capaz de revelar a relação homem-mundo, de que *não há* uma conduta capaz de revelar tal relação ou através da própria condição de *não-saber* daquele que interroga, é "a possibilidade permanente do não-ser, fora de nós e em nós, [que] condiciona nossas perguntas sobre o ser" (SARTRE, 2001, p. 46). Assim, a conduta interrogativa pode ser definida como a possibilidade permanente do *não-ser*, do *negativo*, do *nada* naquele que questiona e fora dele.

A conduta interrogativa como experiência pré-reflexiva aponta para uma ruptura com o positivismo filosófico da tradição, para a recusa de uma pré-determinação do ser do qual o *nada* resulta apenas de um "esquematismo lógico" próprio da atividade judicativa deste mesmo ser. A negação não aparece apenas como resultado final de um ato judicativo, ou seja, como qualidade de um juízo; ao contrário, "é o juízo de negação que está condicionado e sustentado pelo não-ser [...]. E como poderia ser de outro modo? Como seria sequer possível a forma negativa do juízo, fosse tudo plenitude de ser e positividade?" (SARTRE, 2001, p. 51). Assim, o filósofo denuncia o paradoxo da tradição e introduz a negatividade como estrutural da própria consciência.

Não sendo qualidade de um juízo, o nada é constitutivo da própria consciência; o nada não é *antes* ou *depois* do ser, nem fora dele, mas sim *no interior* do próprio ser. Para Sartre, a consciência não pode produzir negação salvo sobre forma de consciência de negação: "Nenhuma categoria pode 'habitar' a consciência e nela residir como coisa [...] a condição necessária para que seja possível dizer *não* é que o não-ser seja presença perpétua, em nós e fora de nós. É que o nada *infeste* o ser" (SARTRE, 2001, p. 52). A negação só se processa porque a consciência a carrega em si e se identifica com ela.

Por conseguinte, o não-ser é introduzido no mundo porque existe no coração do ser, como afirma o filósofo, em seu miolo, como um verme – "o nada que *não* é, só pode ter existência emprestada; é do ser que tira seu ser: seu nada de ser só se acha nos limites do ser, e a total desaparecimento do ser não constituiria o advento do reino do não-ser, mas, ao oposto, o concomitante desvanecimento do nada: *não há não-ser salvo na superfície do ser*" (SARTRE, 2001, p. 58). O nada vem ao mundo através da própria consciência que o abriga em seu cerne. Mas não seria ela mesma o nada que gesta o não-ser? De fato, a consciência não poderia abrigar o nada se com ele não compartilhasse uma mesma "superfície" como que especular, onde *ser* e *nada* se desdobram sem, no entanto, revelarem-se separados em identidade.

Sartre, em clara oposição ao pensamento positivo, apresenta que *ser* e *nada* não constituem par opositivo ou quaisquer conceitos ou categorias de caráter fixista de um sujeito. Ao contrário, estão como que enredados no homérico "manto de Penélope" de cada consciência individual, onde fazer-se e desfazer-se constituem os fios de uma mesma trama destinada a

tornar-se inconclusa. A consciência é um processo de (re)criação, de (re)invenção infindável porque nada é.

A consciência pode transcender-se e projetar a negação porque ela é o nada em processo constante de totalização de ser que nunca chega a ser, ou seja, é um "tornar-se" sem termo. A transcendência como estrutura constitutiva da consciência implica, pois, que esta seja sempre um *movimento de intencionalidade para* um ser (Em-Si) que não si mesma. Ela é transparência absoluta; nada contém ou esconde, pois é puro movimento projetivo para *fora de si* – é sempre *consciência de*. O caráter fugidio, de não-ser da consciência aparece à medida que é *nada* que se projeta *em direção a*, ao se fazer presente somente ao testemunhar algo que não a si mesma<sup>1</sup>. Desse modo, qualquer afirmação de pré-existência ou pré-determinação de uma consciência como estatuto positivo definidor de um sujeito mostra-se insustentável.

Destarte, o ser, na constante iminência de revelar-se como nada, põe-se à espera de um *descolar-se* de seu ser, extraindo de si a possibilidade de não-ser. A possibilidade de não-ser da consciência promove o descolamento, desgarramento da consciência de si mesma porque não há resguardo ou qualquer garantia de identidade cristalizada, necessária. Em outras palavras, é o poder negador da consciência, como possibilidade de estabelecer fissuras e desgarramentos do ser que permite este escape de si "para além de si mesmo", ou seja, para além da determinação de um Em-Si<sup>2</sup>.

Através da recusa da anterioridade de uma essência, a consciência, imersa na contingência, nega e cria a si mesma. Na abertura dos possíveis, o ser é um *poder ser*, constituindo-se a partir de suas possibilidades. De outra forma, a liberdade da consciência expressa no movimento negador torna o homem desgarrado de si porque será sempre na forma de um *possível tornado seu* dentre as múltiplas possibilidades em aberto. No limite, não há familiaridade necessária do homem para consigo mesmo e é esse constante "estranhamento" de si a sede de toda angústia; "é na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade [...]" (SARTRE, 2001, p. 72). O homem, sem o abrigo de qualquer determinação positiva, está condenado a ser perpétuo estrangeiro de si mesmo, porque sempre será um *para além* de qualquer identidade fixada, necessária.

Para o filósofo, o homem desliza constantemente do não-ser ao ser e vice-versa. O Para-si tende a deslizar constantemente para o Em-Si; transitar de uma indeterminação originária para

---

<sup>1</sup> Isso porque, esclarece Moutinho (2003), a consciência sempre implica um ser outro que não ela, uma verdadeira transcendência. Assim, é impossível construir a noção de objeto se não tivermos originalmente uma relação negativa designando o objeto como aquilo que não é a minha consciência: "só se pode ser consciência de algo se se é, de início, a negação desse algo. O objeto é para mim, antes de mais nada, o que eu não sou, ele só pode existir para mim se ele é algo diferente de mim, se ele é um não eu. Toda presença, diz Sartre, envolve uma negação radical como presença diante daquilo que não somos" (MOUTINHO, 2003, 119).

um estado de fixação ou essência. Mas o Em-Si, condenado ao abandono, retorna sempre àquela mesma condição de "projeto de ser" do Para-Si. A ilusão do Em-Si diminui a angústia do nada como consciência e como consciência de nada, porém, pode somente apostar na construção de um ser em trânsito, ou melhor, de um "ser-em-processo"<sup>3</sup>. A cada momento, o ser se encontra e se abandona; tem que abandonar-se porque o Para-Si se dá sempre na *frustração* do ser.

Nesse livre jogo de ser e não-ser, é somente "no lance" que se podem vislumbrar as probabilidades tornadas concretas – o homem tem que fazer-se, inventar-se sempre partir de um nada, de um provável no imediato da contingência. Nesse sentido, a realidade humana é construída pelo *possível* e não pelo *ser*; "a liberdade humana precede a essência do homem e torna-a possível: a essência do ser humano acha-se em suspenso na liberdade. Logo, aquilo que chamamos liberdade não pode se diferenciar do *ser* da 'realidade humana' [...]" (SARTRE, 2001, p. 68). Imediatamente, *em situação*, o ser emerge no ato de liberdade da consciência. A cada instante em que a consciência é lançada no mundo, ela se faz, aparece no mundo e lhe atribui [re]significação.

Nesse sentido, a realidade é imanente, emerge a cada ato livre da consciência. Como puro devir, a realidade torna-se concreta apenas como *tendo sido*, pois, como escolha passada, é real à maneira de não mais sê-lo. É concreta porque *foi* no passado, porém, não se configura como causa de qualquer evento futuro, ou seja, não aponta para nenhum *assim será*, por consequência; "assim, a condição para a realidade humana negar o mundo, no todo ou em parte, é que carregue em si o nada como o que separa seu presente de todo seu passado" (SARTRE, 2001, p. 71). A cada escolha, a consciência *nadifica* o passado e se lança no novo de forma "descolada" de qualquer condicionamento ou suporte causal. A consciência pode nadificar o passado, colocá-lo em *epoché*, de modo que este não determine o presente, rompendo com o encadeamento objetivo, positivo das realidades.

Como [re]criação, [re]significação humana, a realidade é apenas um possível tornado concreto, diante de outros possíveis tomados à maneira de não sê-lo; "o possível que converto em *meu* possível concreto só pode surgir destacando-se sobre o fundo do conjunto dos possíveis lógicos que a situação comporta [...] estes possíveis recusados [...] somente eu sou a fonte

<sup>2</sup> Ainda para Moutinho (2003), colocando na origem da consciência uma negação, Sartre mostra que é por ser negação de si mesma, voltada sobre si mesma, que uma consciência é possível. A negação operada pela consciência não é apenas a negação do ser em si, mas também negação de si mesma: "Só há consciência de si porque a verdadeira negação é negação voltada sobre si mesma - quer dizer, negação pura" (MOUTINHO, 2003, p. 121). A consciência, porque nada é, não tem nenhuma consistência, nem mesmo a de ser negação, ela é um transcender permanente, um escapamento de si mesma. Tal negação, como negação de si mesma, faz com que o Para-Si sempre se constitua como um ser "diaspórico".

<sup>3</sup> Silva (2004) esclarece que a precedência da existência em relação à essência não nos impede de almejar uma essência, pelo contrário, até nos leva a isso. Na verdade o que gostaríamos mesmo é que nossa escolha redundasse em uma metamorfose, numa nova forma adquirida em princípio definitivamente, pois desejamos que nossa consciência não seja apenas nosso projeto de ser, processo ou devir, queremos simplesmente ser, na forma do Em-Si. Mas, se não possuímos forma, não podemos nos metamorfosear. Por isso, é possível apenas falarmos de "ser em processo" porque "o Para-Si vive a situação de que por mais que se determine nunca estará determinado, porque as escolhas de ser são processos de ser, inacabável por definição" (SILVA, 2004, p. 28-29). Com efeito, a noção de "ser-em-processo", que se aplica ao fazer-se do Para-Si no projeto no qual se lança na existência, está atrelada à ideia de liberdade como "libertação" que, no limite, é a ação de constituir-se a si mesmo e apropriar-se do mundo, o que faz ser impossível a realização do desejo de ser, definitivamente, na forma do Em-Si.

permanente de seu não-ser [...] para fazer surgir *meu possível*" (SARTRE, 2001, p. 74). Nesse sentido, toda realidade humana é "construção" cujos alicerces encontram-se fundados na negatividade; da indeterminação a partir da qual nos lançamos ao mundo, da liberdade da consciência em relação ao passado que imprime o Em-Si e da nadificação que realizo sobre *o que não pode ser* para que *meu possível*, de fato, seja dado como concreto.

A realidade humana configura-se, portanto, como um "aberto" à medida que é constantemente negada em sua necessidade. Negar a realidade em sua necessidade é, por consequência, afirmar a condenação perpétua do humano à sua liberdade e o total desamparo em relação ao destino. Não há fado ou fio de destino que não seja a cada momento cortado e livremente (re)inserido na trama da consciência. Livre das "deusas que tecem a trama do destino" ou de qualquer princípio que transcenda os limites da própria existência; à consciência é sempre possível transcender a facticidade e reafirmar o peso da liberdade. Sem abrigo, diante da angústia da liberdade, a consciência atribui positividade ao *ser-no-mundo*. Mas é ainda sobre a *negação* da indeterminação, do nada originário, da abertura dos possíveis que tal positividade se ancora. O não-ser permanece condicionando todas as nossas perguntas (e respostas) sobre o ser.

## Referências

- SARTRE, J. P. *O ser e o nada*: ensaio de ontologia fenomenológica. 9. ed. Tradução e notas: Paulo Perdigão. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.
- SILVA, F. L. Para a compreensão da história em Sartre. *Tempo da Ciência*, Cascavel, v. 11, n. 22, p. 25-37, 2004.
- MOUTINHO, L. D. S. Negação e finitude na fenomenologia de Sartre. *Discurso 33*, São Paulo, p. 105-52, 2003.